

As Autonomias são arcas diante do colapso: uma entrevista com Raúl Zibechi

Chryslen Gonçalves¹
Salvador Schavelzon²
Maria Luísa Peres Vila³

Salvador Scahvelzon (SS): Vamos começar, vamos percorrer um pouco da trajetória do Raúl Zibechi e depois fazer algumas perguntas também mais conceituais sobre o momento político latino-americano.

Chryslen Gonçalves (CG): Raúl, é muito importante e é muito bom poder ter você aqui com a gente no Coletivo Bertha e para os nossos ouvintes e leitores te conhecerem um pouco melhor a gente queria saber qual é sua trajetória. O que te leva a essas ideias sobre os movimentos populares, sobre as autonomias? Qual é a sua trajetória de militância? Você nasceu no Uruguai em 1952, então o que isso afeta na tua trajetória de militância?

Raúl Zibechi (RZ): Ter nascido no Uruguai, no ano 52, é ser filho do Maracanã. Toda a minha família falava de futebol todo o tempo e eu rejeitava muito isso. Eu fui torcedor, muito torcedor de futebol, mas não da seleção uruguaia, mas do meu time que é o Nacional. Então eu comecei minha militância na escola

¹ Pesquisadora pós-doutoranda na Universidade Federal de São Paulo, bolsista FAPESP processo n. 2024/10516-9. E-mail: chryslenmayra@hotmail.com

² Antropólogo. Professor e pesquisador da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: schavelzon@unifesp.br

³ Graduanda em Relações Internacionais na Escola Paulista de Política Economia e Negócios (Eppen) – UNIFESP. E-mail: maria.vila@unifesp.br



secundária, nos dois anos finais da escola secundária, prévia à universidade, e fiquei em um grupo, *Frente Estudiantil Revolucionário*, que era um braço do MLN Tupamaros. Depois fui, por um tempo breve, militante do MLN, e depois chegou o Golpe do Estado, a desarticulação de todo o movimento popular. Então, nesses anos, entre 1969 e 1973, eu abracei o marxismo, o leninismo, e o pensamento do camarada Mao Tsé-Tung. Foram 4, 5 anos muito intensos de luta, de manifestações todos os dias. Em minha escola havia 5 mil estudantes: “hoje há manifestação pelo Vietnã”, 4 mil saíamos à rua, “amanhã pelo Camboja”, nem sabíamos no mapa onde estava o Camboja, mas saíamos à rua, não sabíamos nada, mas saíamos à rua. Então, foram anos intensos de luta, de mobilizações, de organização e de estudo. Estudávamos muito, todos os dias. Mais estudo individual do que coletivo. Também estudávamos Rui Mauro Marini, por falar do Brasil. Marighella era uma referência inevitável para todos. Não conhecíamos a Dilma, nem o Lula, mas através de muita leitura o impacto dessa ideologia marxista-leninista foi muito forte, porque penetrou pela pele. Sabíamos mais dos operários de leningrado que dos operários uruguaios. E também estivemos muito influenciados pelo *Córdobazo* da Argentina, que foram duas insurreições nos anos 69 e 71, que eram nossas preferências de luta de massas. Tínhamos uma figura que era um dirigente *obrero* (“operário”), que era Agustín Tosco, que para nós era Deus, porque era um operário não peronista, socialista e revolucionário.

Então, logo chegou o golpe no ano 1973, eu fiquei um ano no Uruguai, fazendo coisas, com muito cuidado, mas fazendo coisas. Durante um tempo colaboramos com os comunistas, que eram os mais organizados na resistência, depois saí para a Argentina, me relacionei muito com pessoas do PRT, que era

um partido de origem trotskista, mas depois foi vanguardista, guevarista, o Exército Revolucionário do Povo, e depois do golpe de 1976, saí para a Espanha. Aí militei primeiro na solidariedade com a América Latina, com o Uruguai, que é muito ruim, porque as pessoas discutem sobre o passado, mas não sobre o presente e, imediatamente, um ano depois de chegar, ou dois, comecei uma militância num grupo espanhol, o movimento comunista, que era um excisado do ETA, mas também tinha um pouco de simpatia com a Revolução Cultural Chinesa. Eu ia todas as semanas na Embaixada da China, pegava o Pequim Informa em um papel muito bom, um papel bíblia, como o chamamos. Então foram anos de aprofundar o conhecimento do marxismo, do leninismo e do maoísmo. Eu ficava com o livro vermelho na cama, dormia com o livro vermelho ao lado, mas nos anos 70, 75 em diante, 75, 80, ficou muito claro que as revoluções triunfantes não mudavam as coisas profundamente. Líamos muito a Bethenheim, a Paul Sweezy, pessoas agora totalmente esquecidas de tudo, e começamos, eu pessoalmente, uma rodada crítica dos processos revolucionários, primeiro sobre a União Soviética, logo morreu Mao, foi a crise do maoísmo, Deng Xiaoping. O grupo dos quatro foi para a prisão, foi uma coisa muito ruim.

E daí até os anos 80, começamos a compreender que a luta não deveria ser dos partidos, não das frentes revolucionárias, mas sim dos movimentos sociais. Fui fortemente envolvido na luta contra a OTAN, a presença americana na Europa, na Espanha, aprendi muito sobre a organização de massas, a organização de bairro, a organização popular. Fui ao sul da Espanha, Andaluzia, para fazer alfabetização. Sempre me recordo que um velho militante comunista me chamava para sua casa todas as tardes quando caía o sol, ele não sabia ler, mas

eu devia ler o manifesto comunista para seu filho de 12 anos, que não entendia nada, não tinha nenhum interesse em Marx, no Manifesto, por disciplina, por apoio ao pai. Foi ao mesmo tempo o triunfo da revolução nicaraguense, da luta de El Salvador, da Guatemala, fomos muito envolvidos no apoio a esses processos, e já na última parte dos anos 80 eu comecei a viajar muito ao Peru, Bolívia, Equador e Colômbia, porque aconteceu algo muito incrível no partido no qual eu militava, abriu uma agência de viagens, primeiro para viagens a Amsterdã, pelo aborto, porque este não era permitido na Espanha.

E depois comecei viajar para a América Latina, conheci o Peru. O Peru é fascinante, conheci as obras de um dos maiores escritores para mim na América Latina, José María Arguedas, que para mim é uma maravilha. Arguedas foi uma luz, como foi Lenin em seu momento. Arguedas foi uma descoberta. Até o dia de hoje eu fico emocionado quando leio Arguedas, seus livros, seus romances são belíssimos, *Todas las Sangres*, o livro do *zumbayllu...* *Os Rios Profundos*, os contos, os relatos breves, *Água*, por exemplo, eu chorava cada vez que eu lia *Água*. Até hoje, é incrível a força desse escritor... César Vallejo. E outros, *Casa Sur*, que era um grupo de intelectuais, Alberto Flores Galindo, que morreu muito cedo, foi uma renovação do pensamento crítico muito importante, focalizado no Peru.

Também conheci alguns grupos da Bolívia, e nesse momento, em 1989, 1990, existia *Ayllus Rojos*, que foi onde militou Mallku, os primeiros livros mecanografados de Mallku (Felipe Quispe Huanca). *Tupac Katari vive y vuelve, carajo*, um livro pequeno, mas de uma força muito grande. Nesse grupo, depois

começa a militar a Raquel Gutiérrez e um senhor que agora é muito importante, que é Álvaro García Linera.

Por que falo disso? Porque foi a minha descoberta da comunidade indígena e do mundo indígena. Por conhecer diretamente as comunidades, sobretudo quíchuas, quéchuas, e um mundo aymara do sul, do Peru e da Bolívia, Puno, toda essa parte de Ilave, e toda essa zona, Achacachi. Depois fiquei muitos anos sem ir à Bolívia, mas isso me impactou muito. Duas partes, a política e os romances de Arguedas. Os romances de Arguedas abriram muito a compreensão do mundo indígena, porque é muito fechado, sobretudo o mundo indígena peruano, é muito mais fechado que o mundo indígena boliviano. É um mundo hostil, racista, mas não num sentido colonial, de outra forma, rejeitando os brancos, que é uma coisa normal e tal.

Depois, regressei a morar no Uruguai. É um pouco longo, né? Já estabeleci relações com as Mães da Praça de Maio na Argentina, com a Hebe de Bonafini primeiro, depois com os Sem Terra (MST), do Brasil, primeiro na fronteira, depois em outras partes, e compreendi que os movimentos poderiam mudar o mundo. Nesse momento, eu adorava, adorava. Estava muito de perto das Mães e dos Sem Terra. Não da política dos Sem Terra, mas sim dos assentamentos Sem Terra, a vida nos assentamentos.

E depois disso, chegou o ano de 1994, foi outra iluminação que foi o levante zapatista. Fui muito cedo lá, na realidade, comecei a visitar as comunidades, falei com muita gente, comecei a escrever. Até esse momento escrevia artigos em jornais. Fui à Guatemala, quando retornou a Prêmio Nobel Rigoberta



Menchú, depois Rigoberta teve um caminho muito errático, errado também. E minha simpatia pelo zapatismo é até agora, é até agora.

SS: É o lugar onde você ficou?

RZ: Sim, meu coração e minhas ideias ficaram lá. Porque o único movimento que eu conheço na minha vida, que nunca desfraldou, que nunca disse que isso é mal, isso é terrível. Também simpatizei muito, e simpatizo, com a luta Curda e, sobretudo, com as ideias de Abdullah Öcalan. Então, quando eles falaram pra eu prologar livros, respondi “Sim, apoio Öcalan”⁴, porque Öcalan tem o valor de criticar frontalmente o marxismo tradicional. Ele vem do marxismo-leninismo, acho que as críticas sobre o economicismo e a luta pelo poder do Öcalan são muito interessantes, mas eu fiquei no zapatismo até agora. Eu retorno a cada dois anos e todos os anos eu vou para Chiapas.

CG: Em uma entrevista, se não me engano para a Teia dos Povos, você comentou que o interessante do zapatismo, e talvez do movimento Curdo, é a possibilidade de se transformar e de fazer autocrítica. Isso da crítica ao marxismo e aos pressupostos, mas também entender quando o caminho não dá certo. O movimento Curdo faz muito este exercício, com o *Tekmîl*, com a autocrítica. Isso, para você, foi muito importante?

RZ: Fundamental, agora mesmo os zapatistas mudaram toda a sua organização, Juntas de Bom Governo, e criaram... Há um comunicado muito interessante de Moisés que fala “a maldita pirâmide”. Porque as Juntas de Bom Governo, a ideia

⁴ Nota dos entrevistadores: Raúl Zibechi prologou livros do movimento curdo, entre eles o “Manifiesto por una Civilización Democrática. Tomo II. Civilización Capitalista” de Abdullah Öcalan.

era um governo democrático do povo, mas ficou como pirâmide, então eles disseram que a pirâmide é mais capitalista. Então, eles fazem essa autocrítica e vão mudando. É diferente a forma como faz Abdullah Öcalan, que pega os livros de Marx, de Lênin e tudo isso. Eles passam mais pela prática, porque os zapatistas dizem algo muito interessante: Nossa meta-teoria é nossa prática.

Então, agora a situação é muito difícil em tudo na América Latina. Depois conheci muitos outros movimentos, na Argentina, no Chile, os Mapuche, os Nasa do Cauca, os Misak, os Guarani Mbyá aqui no Brasil. Estou chegando dos Guarani Mbyá, hoje cheguei de lá, de Tenondé Porã, foi a segunda vez que eu o visito. E são processos, porque também a partir do zapatismo era muito interessante a ideia de não pegar o poder, mas que fazer? Então, a ideia é criar autonomia, essa autonomia é um caminho completamente diferente a outro caminho da luta pelo poder, que nos anos 90 todavia era uma luta armada, por um lado, eleitoral, por outro, agora é só eleitoral. Depois dos fracassos, dos processos de paz de Guatemala, de El Salvador, a crise da revolução sandinista, e agora o processo de paz na Colômbia ficou essa via armada insurrecional fechada. Até quando há insurreições. Porque na Bolívia, no Ecuador e no Chile, no ano 2019 e anos seguintes houve vários levantes populares. Mas acho também que em sua sabedoria popular, foram levantes sem a intenção de pegar o poder. Igual aos de 2003 e 2005 na Bolívia. Foram levantes para derrubar os governos neoliberais, mas não para ingressar na casa do governo – *Palacio Quemado*, casa do Pizarro - é outra forma. Não sei se é uma discussão prévia . Nos movimentos há uma compreensão dos povos de que ingressar no palácio não é o caminho mais adequado.

MV: Agora, mais para introduzir o tema das autonomias, a gente queria saber o que é autonomia para você, quais são as principais características desses movimentos, quando emergiram?

RZ: Primeiro eu li, antes do zapatismo, os trabalhos de Cornelius Castoriadis e outros europeus sobre autonomia. Minha ideia sobre a autonomia foi, primeiramente, essa. Os conselhos obreros na Itália, em 1919 e 1920, depois a teorização de Castoriadis muito interessante da economia; as lutas da França, no ano de 1968. Era uma autonomia, como propõe Castoriadis, que nós damos nossa própria lei, nossas próprias decisões, sem o Estado, sem os partidos, sem as igrejas. Nós decidimos por nós. Errou? Errou! Não errou? Bem melhor! Mas nós decidimos. Mas quando chega o zapatismo... Já a autonomia começou a dar uma acordada com os inscritos, a luta dos inscritos na Nicarágua, e tem teorizações interessantes. Mas com o zapatismo a autonomia começa a ser outra coisa. Primeiro, a autonomia é uma autonomia territorializada, e o território tem uma fronteira: “Esse é o nosso espaço! O outro é outro espaço que não é nosso, é do Estado ou de outros povos”. Então, primeiro o território. Segundo, a autonomia deve ser integral, então nesses espaços eles criam sua própria educação, sua própria saúde, suas próprias formas econômicas, buscando, lutando pela sua autonomia alimentar, não soberania que é questão dos Estados, mas a autonomia alimentar que nunca é completa, mas é a busca permanente. Sua própria forma de justiça, sua própria forma de poder, porque o poder existe. Mas um grande avanço em 2004 das Juntas de Bom Governo foi que eram rotativas. Então, todas as segundas-feiras entrava uma nova equipe, o desejo era metade homens, metade mulheres, mas foi muito difícil e isso, há mais homens que mulheres, agora em alguns Caracoles é bastante igual. E

depois essa ideia de todas as semanas começar uma nova equipe, que não é nova completamente porque logo depois de várias semanas retornam à mesma equipe. Mas eu pensava “por que fazem isso?”, a ideia de não criar uma burocracia permanente separada do povo. Isso eu gostava! Agora isso já se aprofunda apagando o topo da pirâmide.

Então, essa ideia de autonomia foi crescendo, eu fui compreendendo melhor a ideia da autonomia, se tem autonomia tem autogoverno. Autonomia territorial necessita autogoverno e necessita autodefesa, no caso dos zapatistas é o exército zapatista. Mas também você vai olhando que outros povos têm outras formas de autonomia, provavelmente não tão integrais, tão completas, mas autônomas. A autonomia dos Nasas, do Conselho Regional Indígena do Cauca (CRIC), é muito interessante, eles têm para mim a melhor equipe de autodefesa que é a Guardia Indígena, e agora também os povos negros tinham sua própria guarda, que é a Guardia Cimarrona, “cimarrón” é como os quilombolas, que fugiram da escravidão. Também camponeses, tem Guardias de Autodefesa, e tem muitas experiências na América Latina, muito diferentes. O Fabio Alkmim trabalha com as autônomas amazônicas, que são completamente diferentes, basicamente uma demarcação autônoma. E, assim, cada povo vai criando. Como a Teia dos Povos no Brasil, vai criando as formas próprias da autonomia, porque não há “uma” autonomia. A autonomia depende do território, a geografia é muito importante para criar a autonomia. Chiapas têm *cañadas* que são como rios, cada *cañada* é um pouco diferente ou não. Mesmo Chiapas, as autônomas dos *tzeltales*, dos *man*, não são iguais, funcionam de forma diferente. E, claro, no Cauca, na Amazônia, funcionam muito diferente. Esses processo de autônomas vai crescendo, vai expandindo. Agora temos o caso

dos Guambis, no norte do Peru. Também tem pesquisadores brasileiros, lá morando, Bonesini de Almeida é um deles, antropólogo. Agora tem nove governos autônomos, são completamente diferentes, porque alguns têm uma constituição, uns tem ministros, tudo assim, é como a fotocópia do Estado. Mas os zapatistas também tinham municípios, iguais ao Estado. E, no ano passado, eu descobri os garífunas de Honduras, um povo grande de 600 mil pessoas, e que tem processos autônomos, um povo negro e indígena, são negros e indígenas. Os garífunas têm processos de autonomia muito interessantes, autonomia alimentar, autonomia do território, eles fazem retomadas. E todos os povos têm problemas com o narco, as milícias, os pentecostais, as forças armadas e policiais, e o extrativismo. Então, todas as autonomias estão rodeadas desse problema, que é o capitalismo atual.

SS: Existem algumas críticas ao autonomismo que são reiteradas, elas vêm da esquerda hegemônica, digamos assim. O autonomismo é muito lindo, mas é idealista. Existe uma crítica que aparece bastante, que tem um inimigo principal, as direitas, que os autonomistas não estariam contribuindo nessa luta principal. Existe a crítica sobre a fragmentação. Como pensar a autonomia para enfrentar o capitalismo dos trabalhadores na cidade? As críticas confluem numa ideia de idealismo, às vezes doença infantil, como se fosse um esquerdismo radical. Como responder a essas críticas?

RZ: Um problema que temos é que a autonomia tem um caminho diferente, muito diferente da velha esquerda. Então, o que fazem muitos críticos é olhar para as autonomias com o imaginário da velha esquerda: o que não fazem, os problemas que têm. Mas os povos que estão caminhando pela autonomia, com

autonomia, o seu principal objetivo não é intervir politicamente em todo o país. Os aymaras não têm problema, não desejam mudar a Bolívia, porque nossos países são criações coloniais. Então, os Guarani Mbyá, os Munduruku, o que desejam eles? A reprodução permanente desse povo. Que esse povo não seja aniquilado, porque hoje o capitalismo deseja aniquilar povos, apagar povos indígenas. Porque a forma da acumulação vai para isso. Isso é uma primeira questão.

Segundo, eles por suposto não desejam pegar o poder do Estado, mas sabem que o Estado está ali. Provavelmente, em algum momento, eles possam derrubar o Estado, mas agora não é um objetivo inicial. Tampouco têm uma ideia de substituir o Estado por outro aparelho assim grande, não? Porque a ideia dos povos é dispersão, não é a concentração, não é o desenvolvimento, é a reprodução da vida, cuidar a vida. Então, para mim, compreender a autonomia é compreender a lógica da autonomia. Sem pensar que está faltando algo porque a velha esquerda desejava mudar o mundo ou os países, não mudou nada. Mudou sim, porque estão inseridos, integrados no poder e formam parte do capitalismo, se reproduzem no capitalismo. Então, isso não quer dizer que as autonomias não tenham problemas, têm muitos problemas, mas outra classe de problemas do que aqueles que a velha esquerda critica, a velha esquerda hegemônica.

Então, um exemplo, as autonomias não crescem para cima, elas crescem para os lados, elas vão expandindo. Essa é a forma de crescer deles, crescer para dentro. Muitos povos fazem muito trabalho interior, trabalho material, de criar coisas novas, uma nova saúde, uma nova produção, criar... trabalhando



espiritualmente para dentro. Agora, você viu, os Guarani Mbyá têm roçado, novos espaços para plantar. Isso é um fortalecimento do povo, é um crescimento do povo. Muitos desses povos, não todos, têm uma realidade tão forte que já o sistema não pode massacrá-los, porque tem uma estrutura. Como se comportam os jovens dos povos originários é muito diferente aos avós, às mães e aos pais, então há um crescimento interior muito forte. O poder das mulheres dos povos, vocês conhecem bem, é incrível hoje. Não estou pensando em ministras, estou pensando nas mulheres das comunidades. A velha esquerda olha assim “A ministra, sim! O povo”, não, é outro caminho. Mas existem muitas mulheres fazendo trabalhos de artesanato, de alimentação, de cultivos, de medicina, medicinas próprias. Então, temos que pensar que as autonomias existem, crescem, são minoritárias, mas não são marginais. Todo mundo já sabe que isso existe, podem aceitá-las ou rejeitá-las, mas ganharam um lugar importante. E é, para mim, a experiência mais rica, mais criativa, mais *esperanzadora* que temos para transformar o capitalismo, para derrubar o capitalismo. Porque dentro das autonomias o capitalismo é muito fraco, circula muito pouco dinheiro, ou não circula, e tem um controle do enriquecimento individual.

Então, eu poderia dizer que, em muitos desses povos, o capitalismo quase não existe, não? Não quer dizer que não existam formas ideológicas ou culturais do capitalismo, tem internet. Mas também regulam a internet, não entra para tudo. Então, são formas, são tentativas que estamos fazendo de conceitualizar características das autonomias: território, autogoverno, integralidade, tudo isso.

CG: Raúl, você é bastante crítico em relação ao Estado, especialmente aos chamados “governos progressistas”. Recentemente, li alguns textos seus em que você aponta os perigos do sequestro desses governos em relação aos movimentos populares. Um dos riscos que você destaca é justamente o encerramento desses movimentos nas políticas sociais, como se esse fosse o horizonte máximo possível. Você poderia comentar um pouco mais sobre isso com a gente?

RZ: O Brasil é um laboratório muito interessante disso. Os governos progressistas conseguiram uma integração dos setores, das camadas populares pelo consumo. Uma família que não tinha cartão agora tem, está endividada. Então, o progressismo aprofundou o capitalismo, que era não tão presente nos bairros, nas famílias pretas populares, aprofundou o capitalismo através da dívida. Mas isso que o progressismo fez não impediu que a polícia militar e as forças armadas, as milícias do sistema, sejam cada vez mais fortes e com maior impunidade. Hoje uma companheira da Argentina, a Silvia Adoe, me enviou uma fala, umas ideias, que dizem: o Estado é permeável à luta de classes. Você acredita que a polícia militar é permeável à luta de classes? De que estamos falando quando falamos de mudar o Estado, ou de democratizar o Estado? Que coisa você pode fazer através das eleições como Estado? Ter algum ministro, algum deputado... Mas vai mudar a polícia militar? E se não muda a polícia militar? Hoje temos casos no Brasil, mas está em toda a América Latina: 1% do capital financeiro no poder. O Estado mudou. Tem as forças armadas, a polícia militar, os evangélicos, o judiciário, as milícias. Então, tem uma força que você não mudou nada. De que democratização falamos? Porque a família de um

bairro, de uma favela, recebe um cartão ou recebe o Bolsa Família, isso é democratização? Não.

Então, uma ideia importante para mim é analisar como era o movimento popular antes dos governos progressistas, nos anos 90 no Brasil, uma forte luta pela Reforma Agrária, luta trabalhista e assim, como está agora? Sob Bolsonaro quem se mobilizou? As torcidas e os aplicativos, não as grandes organizações, não fizeram. Junho de 2013, quem se mobilizou? Então, uma das consequências do progressismo é a maior burocratização e enfraquecimento das organizações populares. Até os sindicatos também. Que agora, sem dinheiro, não pode fazer nada. Mobilizar é ter dinheiro. Então, por isso, no último governo Bolsonaro os povos originários cresceram e se converteram em uma alternativa. Então, agora o que o governo faz? Nomeia ministros dos povos originários. Para quê? Para fazer o mesmo que com os últimos, enfraquecer. Então, isso é perigosíssimo porque depois do período progressista você tem um campo popular desorganizado, com dirigentes desligados das bases, com os espaços que antes - favelas ou barros populares -, estavam as comunidades *ericales* de bases, partidos de esquerda e assim trabalhando - na Argentina *piqueteros* -, em cada país diferente, agora estão ocupados pelos evangélicos e pelas milícias que trabalham juntos. Isso para o projeto emancipatório é absolutamente desastroso. É uma derrota estratégica. Estamos, nesse momento, sofrendo as consequências dessa derrota. Porque já não tem força para mudar a realidade, a relação de forças e tudo.

SS: Raul, às vezes se fala da excepcionalidade uruguaia. Alguns problemas que em outros lugares da América Latina chegam antes, lá demora mais ou não

chegam. Ao mesmo tempo, teve uma recente vitória da Frente Ampla, a esquerda progressista volta ao poder no Uruguai, e aqui no Brasil na esquerda a figura em particular do Mujica tem muita simpatia: austero, anda de fusca. Mas chega pouca informação de como foi a gestão da Frente Ampla. Como você poderia resumir a experiência da Frente Ampla como um governo no Uruguai?

RZ: O governo de agora ou os 15 anos anteriores?

SS: Perguntaria mais da experiência, um balanço do governo Mujica.

RZ: Foi um governo que não produziu mudanças estruturais. Mujica apoiou fortemente os plantadores de soja. Ele falou num encontro de plantadores de agronegócio que deveríamos fazer um monumento à soja, porque traz muito dinheiro para o país. Ele é amigo dos sojeiros. Seu governo e os outros governos da Frente Ampla não fizeram nenhuma mudança com esse fator produtivo tão importante. Depois, Mujica tem uma coisa muito particular, que é que os tupamaros, eu digo isso com um pouco de vergonha, sempre tiveram uma aliança muito forte com um setor das Forças Armadas. É um setor muito reacionário, mas se chamam *Tenientes de Artigas*. Então, o Ministro de Defesa de Mujica era um velho tupamaro, que é o Eleuterio Fernandez Huidobro, ele travou amizade com o líder, o atual líder da ultradireita, que é o militar Manini⁵, e ajudou a criar esse partido Cabildo Aberto. Dessa forma, ajudou também a derrubar o governo de Frente Ampla, porque o saldo dessa extrema direita, que agora está enfraquecida, foi importante.

⁵ Nota dos entrevistadores: Refere-se a Guido Manini Ríos, líder do partido ultra conservador do Uruguai: Cabildo Abierto.

Então, não fazer mudanças é aliança. Mujica impediu o aprofundamento da questão dos direitos humanos, das escavações de desaparecidos e tudo isso. Para mim, é muito terrível, porque quando ele viaja para o México, ele faz fotos para os pais de Ayotzinapa⁶, mas no Uruguai não quer fazer nada. Então, esse é o duplo discurso da esquerda, mas no Uruguai tem uma sociedade muito diferente à outra, com uma classe média tradicional, não a nova classe média, mas uma classe média de profissionais, ilustrada, que é da esquerda e seus filhos continuam sendo da esquerda. Isso é o que suporta, o que embasa a força da Frente Ampla, que permanecerá sendo um partido muito forte, ganhe ou não ganhe. É um dos partidos mais fortes do país, ou mais forte individualmente. Isso é uma característica própria do Uruguai, que tem essa formação social que antes era do Partido Colorado, do Ballismo, que foi um partido modernizador importante, foi uma linha com diferenças, mas parecida a de Getúlio, não? Criação de empresas estatais e tudo isso, mas com muitas mais diferenças, porque não eram militares. E agora essa presença da cultura, a esquerda muito forte na cultura, no carnaval, no teatro, é fortemente de esquerda. Sempre foi, agora muito mais, depois da ditadura muito mais. O *candombe* é muito de esquerda, não? O *candombe* é um movimento não só de pretos, mas também de brancos, muito forte no Uruguai. É a cultura, normalmente, de esquerda. Então, é uma, não sei se uma excepcionalidade, mas tem características diferentes.

SS: É possível falar que não é uma esquerda tão neoliberal quanto foi Bachelet, ou como a gente vê em outros lugares, até aqui mesmo no Brasil?

⁶ Nota dos entrevistadores: Raúl Zibechi se refere aos pais dos 43 alunos de Ayotzinapa que desapareceram no México em setembro de 2014.

RZ: É uma esquerda igualmente neoliberal, mas mais cuidadosa. Hoje mesmo saiu uma discussão muito forte no Uruguai, porque o Uruguai mantém uma oficina, um escritório, em Tel Aviv. Então, outros setores da esquerda solidários como os palestinos falam com o presidente atual, Yamandú Orsi, de que isso não dá - ter uma oficina, um escritório em Tel Aviv -, mas ele continua com essa política; pelo menos, Lula e Boric criticaram o governo de Netanyahu. Não (criticaram) assim (o governo de Netanyahu) a esquerda uruguaia. Em toda a campanha eleitoral a palavra Palestina não aparecia, nunca. Isso para mim é muito grande. É uma esquerda muito moderada para uma sociedade muito moderada também. Antes a esquerda tinha duas forças: O movimento *obrero* que era muito forte - a esquerda, o movimento feminista -, e a classe média. Hoje o movimento *obrero* é mais fraco, mas essa classe média cultural, acadêmica... a universidade do Uruguai, a UDELAR, não fez nenhuma declaração contra o genocídio na Palestina. E é tudo charruista⁷ ou de esquerda. Do que estamos falando? Então eu sou muito raivoso com a esquerda uruguaia, não gosto dela.

MV: Para finalizar, a gente queria saber qual a força emancipatória das autonomias e por que é tão importante pensar em fazer política a partir da autonomia, considerando esse colapso civilizacional que está aqui ou está por vir, colapso socioambiental, o avanço da extrema direita, neoextrativismo... Então, por que é tão importante pensar nas autonomias?

⁷ Nota dos entrevistadores: “Charruista” é um termo direcionado para as pessoas uruguaias que evidenciam a importância dos povos indígenas da região, com ênfase no povo “charrúa”.

RZ: Sim. Primeiro, a força emancipatória das autonomias você pode vê-la, nas comunidades, nas mulheres, nas práticas de saúde, na forma de cultivar sem químicos. Muitas coisas, coisas mais. Logo, na segunda parte era...

MV: Por que é tão importante pensar nas autonomias?

RZ: Sim, diante do colapso. O colapso já está. Eu nunca tinha visto umas imagens de uma cidade completamente inundada como Porto Alegre. No centro, onde está o mercado: água. Mas a água retirou e tudo continua. Durante a enchente de Porto Alegre, havia duas forças. As forças armadas, que foram na cidade pegando pessoas isoladas, e alguns quilombos e algumas comunidades que ficaram atuando. O mesmo sucedeu no Chile no ano de 2011 quando houve o tsunami, entraram as forças armadas, mas comunidades se multiplicaram fazendo os seus trabalhos. Então, eu acho que as autonomias são arcas diante do colapso. Arcas que podem navegar, que podem sobreviver, podem cuidar da vida. Podem, não é seguro que vão fazer, mas tem condições para resistir e re-existir durante o colapso. Essa é a coisa mais importante das autonomias nesse momento, porque o colapso já está aqui, chove um pouco e já tem alagamentos e coisas assim. Essas autonomias podem criar relações sociais fortes, estão criando, e as pessoas lá podem enfrentar o colapso. Durante a pandemia também sucedeu. Também com alguns assentamentos Sem Terra, essas comunidades, porque são comunidades, sobreviveram à pandemia de uma forma muito diferente aos prédios da cidade. Isso é uma esperança para mim.



Foto da entrevista realizada na Casa Coletivo Comum (São Paulo, 31 de março de 2025, Coletivo Berta Latino-americanista)



As Autonomias são arcas diante do colapso: uma entrevista com Raúl Zibechi

Resumo: Raúl Zibechi é um intelectual uruguaio nascido em 1952, em Montevideu, e referência nos debates sobre autonomias populares. Ao longo de sua vida, tem se dedicado a acompanhar de perto os movimentos populares da América Latina e de outros territórios, como o povo curdo no Oriente Médio. Como evidencia esta entrevista, Zibechi é um entusiasta da revolução zapatista em Chiapas (México). Autor de diversos livros sobre movimentos sociais e a construção de autonomias, destacam-se entre suas obras *Brasil potência* (Consequência, 2012), *Los desbordes desde abajo: 1968 en América Latina* (Desdeabajo, 2018) e *Territórios em resistência* (traduzido para o português em 2022 pela Editora Elefante). Durante sua visita ao Brasil, em março de 2025, Zibechi nos concedeu esta entrevista realizada na Casa Coletivo Comum, em São Paulo — um espaço autogestionado de arte. Nela, compartilha um pouco de sua trajetória política, desenvolve reflexões conceituais e práticas sobre as autonomias e tece críticas contundentes aos governos chamados progressistas da região. A entrevista foi organizada pelo Coletivo Berta Latino-americanista e integra o podcast *Pulso Latino*.

Palavras-chave: Raúl Zibechi; Autonomia; Zapatismo; América Latina.

Las Autonomías son Arcas ante el Colapso: Una entrevista con Raúl Zibechi

Resumen: Raúl Zibechi es un intelectual uruguayo nacido en 1952, en Montevideo, y una referencia en los debates sobre autonomías populares. A lo largo de su vida, se ha dedicado a acompañar de cerca a los movimientos populares de América Latina y de otros territorios, como el pueblo kurdo en Medio Oriente. Como evidencia esta entrevista, Zibechi es un entusiasta de la revolución zapatista en Chiapas (México). Autor de diversos libros sobre movimientos sociales y la construcción de autonomías, se destacan entre sus obras *Brasil potencia* (Consequência, 2012), *Los desbordes desde abajo: 1968 en América Latina* (Desdeabajo, 2018) y *Territorios en resistencia* (traducido al portugués en 2022 por la Editorial Elefante). Durante su visita a Brasil, en marzo de 2025, Zibechi nos concedió esta entrevista realizada en la Casa Coletivo Comum, en São Paulo — un espacio autogestionado de arte. En ella, comparte un poco de su trayectoria política, desarrolla reflexiones conceptuales y prácticas sobre las autonomías y teje críticas contundentes a los llamados gobiernos progresistas de la región. La entrevista fue organizada por el Colectivo Berta Latinoamericanista y forma parte del podcast *Pulso Latino*.

Palabras clave: Raúl Zibechi; Autonomía; Zapatismo; América Latina.

Autonomies are Arks in the Face of Collapse: An interview with Raúl Zibechi

Abstract: Raúl Zibechi is a Uruguayan intellectual born in 1952 in Montevideo, and a key figure in the debates on grassroots autonomies. Throughout his life, he has closely followed popular movements in Latin America and other regions, such as the Kurdish people in the Middle East. As this interview shows, Zibechi is an enthusiast of the Zapatista revolution in Chiapas, Mexico. Author of several books on social movements and the construction of autonomies, some of his most notable works include *Brasil Potência* (Consequência, 2012), *Los desbordes desde abajo: 1968 en América Latina* (Desdeabajo, 2018), and *Territories in Resistance* (translated into Portuguese in 2022 by Elefante Publishing). During his visit to Brazil in March 2025, Zibechi granted us this interview, which took place at Casa Coletivo Comum in São Paulo — a self-managed art space. In it, he shares parts of his political trajectory, develops conceptual and practical reflections on autonomies, and offers strong critiques of the region's so-called progressive governments. The interview was organized by the Berta Latin Americanist Collective and is part of the Pulso Latino podcast.

Keywords: Raúl Zibechi; Autonomy; Zapatismo; Latin America.